

JORNAL: O Globo LOCAL: Quomabara

DATA: 29/05/1965 AUTOR: Vera Pacheco Jordão

TÍTULO: Salão "Panelinha"

ASSUNTO: Vera Pacheco Jordão analisa o XIV Salão e o

Prêmio de Viagem antecipado no catálogo.

ARTES

Plásticas

Vera Pacheco Jordão

Salão "Panelinha"

É tão desolador o resultado da premiação do XIV Salão Nacional de Arte Moderna que nem nos desejamos estender sobre o assunto. O júri, composto dos Srs. Moacir de Figueiredo, Bustamante Sá (professores de Escultura e Pintura, fina-flor da Escola de Belas-Artes) e Carlos Cavalcanti (professor de História da Arte e crítico especializado em esclarecer os mistérios da arte moderna), timbrou em demonstrar seu desprezo pelo critério de qualidade, reduzindo o Salão à panelinha dos amigos.

Conforme estava previsto — mas, como dissemos aqui, supúnhamos ser coisa das más línguas —, o advogado Waldyr Mattos, que teve papel decisivo para obter no ano passado a realização do Salão, foi recompensado com a atribuição do Prêmio de Viagem ao Estrangeiro, embora não ofereça nenhum interesse a pintura convencional de seus quadros, absolutamente iguais, se não os mesmos que já expôs no ano passado e agora repetiu, confiante no pagamento da promessa.

Foi também atendida a antiga e persistente pretensão de nosso amigo D'Avila, que ano após anos vem-se candidatando com suas garrafinhas, seus castiçais, ou suas "Formas em Vidro" — às quais, justamente, só falta a forma. Desta vez o caso era tão líquido que já veio impresso no catálogo, sob o nome do artista, "PRÊMIO DE VIAGEM AO ESTRANGEIRO".

A franqueza do júri chegaria a ser cinismo, não fosse a comicidade de um lapso dêsse que, em qualquer país, bastaria para fazer anular o julgamento, mas aqui passou despercebido, e provavelmente não terá conseqüências.

Dos prêmios "Viagem pelo Brasil" (ou "Ao País", no dizer dos letrados que designam os premiados), o menos mau foi o de Maria Teresa Vieira Branquinho, embora ela não se apresente tão bem quanto nos anos anteriores, sua pintura a nanquim estando agora confusa e mal definida.

É uma calamidade que o mesmo prêmio haja sido atribuído a Telmo de Jesus Pereira, cujas "composições" modernas, sem o menor sentido pictórico, não mereceriam nem mesmo a Isenção de Júri que já lhe havia sido dada como antecedente indispensável para o prêmio.

Não me estenderei sobre as Isenções de Júri, em grande parte malbaratadas. Estranho apenas que o júri cometesse a grave injustiça de não atribuir nem uma aos gravadores, ignorando esse setor, talvez até no intuito de desmerecê-lo, visto ser aquele que mais se destaca no panorama das artes brasileiras.

Só mesmo a mais deliberada má-vontade poderia deixar de atribuir essa prova de mérito — em falta de prêmio — a gravadores que se apresentam esplendidamente — como Dora Basílio, que entre todos se destaca —, a Marília Ro-

drigues (muito boas e originais suas composições, tão diversas de seu antigo trabalho), a artistas de categoria como José Assunção Sousa, Ana Bela Geiger, Siegrid Stefanov, Carlota Guimarães e Misabel Pedroza.

Cabe aqui um elogio especial a Roberto De Lamônica, que, ocupadíssimo com o preparo da Sala Especial que terá na próxima Bienal de S. Paulo, timbrou em prestigiar o Salão, enviando trabalhos ainda melhores que os antigos, não só quanto à técnica, mas quanto à composição, mais rica e imaginativa.

Apreciei as gravuras apresentadas por Roberto Magalhães, mais vigorosas porque mais sintéticas, como que concentradas. De Newton Cavalcanti gostei especialmente da "Surpresa no Baile", composta bem na tradição popular das histórias de assombração. E de Samico, a saborosa estilização de "O Pecado", com seus elementos dispostos simetricamente, dando-lhe a grave simplicidade dos primitivos.

O setor Pintura reflete a desorientação que aflige boa parte dos pintores, e que não é fenômeno exclusivamente brasileiro, mas universal. Encontramos assim algumas tentativas arrojadas para mudar de rumo, como a de Marques de Sá — que embora dando uma guinada de 360 graus ainda não se encontrou, mas está assim pelo menos mais vivo que em sua antiga fase —; a de Moriconi, com seus farrapos duros de tinta mas absolutamente insignificantes; a de Milton Ribeiro, que resulta num academismo mascarado de modernismo.

Dos valores novos descobertos no ano passado e declarados isentos de júri, Dileny Campos é o mais atirado, tentando fundir Ivan Serpa e Marcelo Grassmann — com péssimo resultado, é claro. Wilma Pasqualini continua com suas lívidas figuras esparramadas, agora em escala enorme, a cor refugiada num canto reservado. Antônio Dias desenvolve aqueles mesmos elementos, agora mais realizados e muito mais bem executados.

Notei os trabalhos do japonês Toyota, excelentes como trabalho da matéria, embora pobres como composição. O de Galileu Campos de Rezende, bastante original, solto e de vigorosas pinceladas. Mais interessantes ainda, porque mais realizados, são os de Vergara, e sobretudo os de Rubens Gerchman, que deveria ter sido destacado se o júri tivesse algum critério que não o das preferências pessoais.

Melhor de todos, porém, é Décio Vieira, com sua pintura vibrátil, fina e sensível, obra de artista que possui a fundo seu "métier" e vem evoluindo harmoniosamente, sem romper com uma estética que se insere nas tendências de hoje mas é por ele adotada por corresponder ao seu próprio feito.